

Lorena Guimarães Ríspoli de Brito

As Linhas no Rosto de Nana:
velhice e intergeracionalidade à luz da Psicologia histórico-cultural

Uberlândia

2025

Lorena Guimarães Ríspoli de Brito

***As Linhas no Rosto de Nana:
velhice e intergeracionalidade à luz da Psicologia histórico-cultural***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto de Psicologia da
Universidade Federal de Uberlândia,
como requisito parcial à obtenção do
Título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profª. Dra. Denise Stefanoni
Combinato.

Uberlândia

2025

Lorena Guimarães Ríspoli de Brito

***As Linhas no Rosto de Nana:
velhice e intergeracionalidade à luz da Psicologia histórico-cultural***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em Psicologia. Orientadora: Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato.

Banca examinadora

Uberlândia, 23 de setembro de 2025

Profa. Dra. Denise Stefanoni Combinato (Orientadora)
Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profa. Dra. Lorraine Possamai Salvador Azevedo (Examinadora)
Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Prof. Dr. Alexandre Vianna Montagnero (Examinador)
Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Uberlândia
2025

Agradecimentos

Agradeço a Deus pelo amparo constante ao longo de toda esta pesquisa, especialmente nos momentos mais desafiadores. Reconheço que, sem Sua presença, eu não teria encontrado a força, a sabedoria e a perseverança necessárias para superar os obstáculos e concluir esta etapa tão importante da minha vida.

Expresso minha gratidão à minha orientadora, Denise Combinato, por me apontar diferentes caminhos nesta trajetória, sua disposição, disponibilidade, seu conhecimento e sua confiança investidos em mim foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

À minha família, meu agradecimento especial: aos meus pais, Adriana e Marcos, que proporcionaram todo o apoio e as condições necessárias para que eu pudesse me dedicar aos estudos. À minha irmã, Larissa, por suas palavras de incentivo e por tantas vezes me ouvir falar sobre este projeto. Agradeço também aos meus avós - Divina, Walter e Pedro, cuja presença já não se faz mais entre nós, mas cujos ensinamentos, amor e legado permanecem vivos em cada passo meu. E à minha avó Hilda, que segue cuidando de mim com tanto afeto. Tenho orgulho em afirmar: sou porque nós somos!

À minha companheira, Letícia, por acreditar em mim, inclusive quando eu mesma duvidava. Seu apoio e carinho foram cruciais para que eu pudesse seguir em frente. Por fim, sou grata aos meus amigos da graduação e de fora dela, pelo incentivo, companheirismo e pela presença em tantos momentos importantes desta caminhada.

Deixo um agradecimento especial à minha amiga Iza, parceira constante nas reuniões de orientação e sempre pronta a me ajudar. Tenho certeza de que nossos caminhos não se cruzaram por acaso.

Resumo: Este estudo busca analisar, sob a ótica da Psicologia histórico-cultural, a obra *As linhas no rosto de Nana*, de Simona Ciraolo (2020), a fim de refletir sobre significados e sentidos de velhice e relações intergeracionais. A análise, baseada na Psicologia da Arte de Vygotski e nos conceitos de Antonio Candido, evidencia que a Literatura, combinando texto e ilustração, forma e conteúdo, atua como mediadora cultural que favorece a compreensão subjetiva e sociocultural do envelhecimento, subvertendo estereótipos biologizantes e reafirmando a velhice como uma etapa repleta de potencialidades. A obra de Ciraolo ressignifica o envelhecimento ao destacar as rugas da avó como marcas de memória e experiência, e as relações intergeracionais como um processo de escuta ativa e sensível que envolvem a transmissão de saberes e afetos. O estudo contribui para a ampliação do diálogo entre Psicologia e Literatura no entendimento da velhice, ressaltando a importância das relações intergeracionais e da arte como instrumento de humanização.

Palavras-chave: Psicologia, Arte, Literatura, Envelhecimento, Relação entre gerações.

Abstract: This study seeks to analyze, from the perspective of historical-cultural psychology, the book *The lines on Nana's face*, by Simona Ciraolo (2020), in order to reflect on the meanings and senses of old age and intergenerational relationships. The analysis, based on Vygotsky's Psychology of Art and Antonio Candido's concepts, shows that Literature, by combining text and illustration, form and content, functions as a cultural mediator that fosters both subjective and sociocultural understandings of aging, subverting biologizing stereotypes and reaffirming old age as a stage full of potentialities. Ciraolo's work re-signifies aging by highlighting the grandmother's wrinkles as marks of memory and experience, and intergenerational relationships as a process of active and sensitive listening that involves the transmission of knowledge and affections. The study contributes to broadening the dialogue between Psychology and Literature in the understanding of old age, emphasizing the importance of intergenerational relationships and art as an instrument of humanization.

Keywords: Psychology, Art, Literature, Aging, Intergenerational Relations.

1. Introdução

De acordo com o Censo Demográfico de 2020 a proporção de idosos no Brasil aumentou de forma significativa na última década - a população com 65 anos ou mais passou de 7,4% em 2010 para 10,9% em 2022, enquanto o grupo com 60 anos ou mais subiu de 10,8% para 15,6% no mesmo período, o que evidencia um crescimento expressivo da população idosa (IBGE, 2023). Esse fenômeno é resultado, sobretudo, dos avanços tecnológicos na área da saúde - como vacinas e antibióticos - que elevaram a expectativa de vida, aliados à redução da fecundidade iniciada na década de 1960 (Mendes et al., 2005).

Em 1960, a Taxa de Fecundidade Total (TFT) no Brasil era de 6,28 filhos por mulher. Já em 2022, esse indicador caiu para 1,55 filho por mulher, demonstrando uma significativa redução no número médio de filhos ao longo das últimas décadas. Esse declínio evidencia mudanças profundas nos padrões reprodutivos da população brasileira (IBGE, 2025). Ou seja, tendo em vista a diminuição do número de nascimentos em relação à quantidade de falecimentos em comparação com as gerações precedentes, a população tem envelhecido mais aceleradamente, o que sinaliza uma maior proporção de idosos e um reduzido número de jovens. Isso reflete, inclusive, no índice de envelhecimento, que subiu de 30,7 para 55,2 no período de 2010 a 2022 (IBGE, 2023), o que sinaliza a existência de 55,2 pessoas com 65 anos ou mais de idade para cada 100 crianças e adolescentes de 0 a 14 anos.

Nesse sentido, é relevante destacar que o aumento da longevidade tem permitido a convivência mais prolongada de três (ou mais!) gerações, fazendo com que os idosos participem por mais tempo da vida de seus familiares (Santos, Faria & Patiño, 2018), o que, por sua vez, fomenta a necessidade de se estudar sobre vínculos intergeracionais e a primazia das relações familiares no contexto vigente.

Sob essa perspectiva, estudos apontam que o contato frequente entre avós e netos potencializa efeitos positivos para ambos, promovendo relações mais profundas e significativas (Oliveira, Vianna & Cárdenas, 2010). As trocas intergeracionais são multifacetadas e benéficas: enquanto os idosos compartilham conhecimentos e experiências, os jovens contribuem com habilidades relacionadas à tecnologia e à modernidade, estabelecendo uma dinâmica de educação e apoio mútuos (Fratezi et al., 2012).

Contudo, é fundamental refletir sobre os significados e o lugar social ocupado pelos idosos na sociedade atual. Como afirmam Reis e Facci (2015), o desenvolvimento humano está associado às condições materiais, isto é, a partir do que o homem vivencia em sua relação com o mundo externo através da atividade. Segundo Toledo e Santos (2022), na senescência, há uma ruptura do sujeito com tudo o que organizava a sua vida até o momento, haja vista que o trabalho extrapola o significado de mera fonte de renda e é por meio dele que o indivíduo obtém uma rotina, constrói laços afetivos, estimula a criatividade e projeta planos. A partir da aposentadoria, a velhice passa a ser associada à improdutividade, o que corrobora a lógica capitalista vigente e desafia a Psicologia, na medida em que esse estágio do desenvolvimento tem sido investigado principalmente à luz de perspectivas biologizantes, as quais desconsideram outras dimensões da vida humana, prejudicando uma análise de forma integralizada.

Portanto, torna-se imprescindível resgatar o conceito de desenvolvimento ao longo da vida (lifespan), segundo o qual envelhecimento e desenvolvimento são processos correlatos: mesmo diante de limitações biológicas, os processos psicológicos se mantêm e, em ambientes culturais favoráveis, o desenvolvimento pode ocorrer na velhice (Néri, 2004). Assim, o idoso pode ultrapassar a crise de não ser mais um trabalhador e assumir novos papéis e significados.

A teoria de Vigotski contribui para essa compreensão ao enfatizar que as crises ao longo da vida são momentos de transição e emergência de novas formações psíquicas, não

necessariamente negativas (Toledo & Santos, 2022). Nesse sentido, a velhice pode ser vista como um período de potencialidades, em que a memória, conforme Bosi (2016), ganha destaque: o idoso torna-se guardião de memórias profundas, cuja partilha enriquece as gerações mais jovens, promovendo compreensão e continuidade entre passado e presente.

Diante desse panorama, percebe-se que a velhice ainda é permeada e compreendida a partir de inúmeros estereótipos sociais e discursos biologizantes, ainda que seja uma fase de vida marcada por significados complexos culturalmente construídos e sentidos subjetivos. De acordo com a Psicologia histórico-cultural, os significados são constituídos culturalmente e os sentidos são construções pessoais, ainda que articulados aos significados. Dessa maneira, torna-se urgente refletir sobre como essa etapa do desenvolvimento humano pode ser vivenciada e significada, especialmente no que tange às dinâmicas intergeracionais.

Outra questão importante refere-se à escassez de estudos que articulam essa temática - sob a abordagem da Psicologia histórico-cultural - com produções literárias que retratam o envelhecimento de maneira delicada e crítica.

Assim, essa pesquisa se justifica na medida em que contribui para o escopo de conhecimento existente sobre relações entre gerações, preenchendo lacunas sobre o quanto essas interações participam da constituição da subjetividade dos sujeitos. Ademais, deve-se salientar que narrativas ilustradas como a elaborada por Simona Ciraolo (2020) favorecem a sensibilização do leitor, o que possibilita a construção de uma visão mais sensível sobre o envelhecimento, condição inerente à vida humana.

Ademais, a escolha do tema também se fundamenta no interesse pessoal da autora, cuja trajetória de vida foi marcada pela convivência intensa com os avós, participantes ativos em sua criação, o que reforça o compromisso e a sensibilidade na abordagem da temática.

Diante do exposto, considerando-se a interlocução entre Psicologia e Literatura como catalisadora da compreensão subjetiva e sociocultural do envelhecimento, este estudo tem como objetivo geral analisar, à luz da Psicologia histórico-cultural, a obra literária *As linhas no rosto de Nana*, de Simona Ciraolo (2020), refletindo sobre os aspectos sociais, históricos e culturais que atravessam a experiência do envelhecer.

De forma mais específica, busca-se:

- investigar como a narrativa literária promove diferentes sentidos e significados atribuídos ao envelhecimento e à convivência entre as gerações;
- compreender de que modo as interações intergeracionais são representadas na obra, evidenciando suas contribuições para a constituição da subjetividade das personagens principais;
- analisar como os elementos culturais e históricos presentes na narrativa contribuem para a construção de uma visão mais sensível e crítica sobre a velhice.

2. Método

O processo metodológico envolveu, inicialmente, a identificação de obras literárias relacionadas à temática do envelhecimento e das relações intergeracionais. Foram analisados resumos de diferentes livros como, por exemplo, *Vó, para de fotografar!*, de Ilan Brenman (2023), *Vó coruja*, de Daniel Munduruku (2014), *As mais belas coisas do mundo*, de Valter Hugo Mãe (2019), *Meus mais velhos*, escrito por Padmini (2020), *Histórias de avô e avó*, de Arthur Nestrovski (1998) e *A colcha de retalhos*, de Conceil Corrêa da Silva e Nye Ribeiro (2010), priorizando-se aqueles que apresentavam maior aderência aos objetivos do estudo e à trajetória pessoal da pesquisadora, favorecendo um olhar sensível e comprometido com a análise. Em seguida, realizou-se a leitura integral e atenta da obra escolhida, com foco nos

elementos formais e temáticos, especialmente nos significados e sentidos do envelhecimento e das relações intergeracionais presentes no texto e nas ilustrações.

A obra literária escolhida retrata a temática do envelhecimento e seu modo de expressão a partir do rosto das pessoas que envelhecem, associado às histórias de vida de uma das personagens. *As linhas no rosto de Nana*, de Simona Ciraolo (2020), trata, de forma delicada e sensível, questões relacionadas às interações entre diferentes gerações, integrando dimensões subjetivas e culturais.

A escolha dessa obra literária também levou em conta a ausência de estudos prévios que analisassem essa narrativa sob a ótica da Psicologia histórico-cultural, conforme verificado em levantamento bibliográfico realizado nas bases Scielo, PePSIC, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e Redalyc no período desde o lançamento da obra até 2025. A partir dessa busca, não foram identificadas pesquisas que estabelecem uma interlocução direta entre essa obra e a abordagem teórico-metodológica adotada nesse estudo, o que reforça o ineditismo e a relevância da análise proposta.

A metodologia adotada neste estudo é qualitativa, fundamentada nos princípios da Psicologia histórico-cultural, especialmente em *Psicologia da Arte* desenvolvida por Vigotski (Barroco & Superti, 2014; Vigotski, 1999). O método objetivo-analítico, segundo Vigotski, parte da análise da própria obra de arte para compreender sua estrutura, seus efeitos e seu papel na constituição subjetiva do leitor, a partir da relação dialética entre forma e conteúdo (Vigotski, 1999). A forma refere-se à composição da produção artística, enquanto o conteúdo ou material é objetivo e se submete à forma, sendo ambos analisados como uma unidade contraditória, cuja tensão é resolvida no processo de catarse - processo de transformação emocional que ocorre quando o sujeito reelabora contradições internas a partir da experiência estética (Barroco & Superti, 2014). Essa reelaboração trata-se justamente de uma experiência emocional transformadora que surge do confronto entre forma e conteúdo.

Depreende-se, então, que a arte não se limita a refletir a realidade, mas tem papel ativo como agente de reorganização simbólica e emocional no psiquismo humano. Ao se deparar com uma obra de arte e experimentar uma catarse, o sujeito pode passar por uma mudança no que tange à sua maneira de sentir, refletir e compreender a realidade (Barroco & Superti, 2014). Além disso, para Vigotski (1999), a arte pode ser entendida como um método social para lidar com os sentimentos. Isso quer dizer que, em vez de se limitar a uma vivência individual ou subjetiva, a arte transforma emoções pessoais em expressões concretas, compreendidas coletivamente. Dessa forma, os sentimentos mais íntimos são manifestados e partilhados por meio das obras artísticas, tornando-se parte da experiência coletiva. Assim, a arte cumpre a função de organizar e expressar as emoções humanas no contexto social.

Sob essa perspectiva, a arte desempenha um papel fundamental no desenvolvimento humano, integrando as dimensões biológica, social, afetiva e intelectual, e atuando como mediadora entre o sujeito e a realidade (Vigotski, 1999). A arte está intrinsecamente relacionada às necessidades essenciais tanto do indivíduo quanto da coletividade, consolidando-se como um dos principais instrumentos para o crescimento pessoal e social. Complementando essa visão, Cândido (1988) destaca que a forma literária tem o poder de humanizar o conteúdo, organizando o caos interior do sujeito e ampliando sua compreensão da realidade.

Em resumo, a análise da obra *As linhas no rosto de Nana*, de Simona Ciraolo (2020), será orientada pelos fundamentos da *Psicologia da arte* de Vigotski (1999), que compreende a arte como uma força capaz de atuar sobre o sujeito por meio de sua forma estética e simbólica, promovendo reorganizações emocionais e subjetivas. Paralelamente, este estudo adota o entendimento de literatura como direito humano fundamental, conforme proposto por Antônio Cândido (1988), para quem o acesso à literatura é indispensável à formação integral do indivíduo e à promoção de sua dignidade. Assim, a abordagem adotada neste trabalho considera

a literatura não apenas como manifestação estética, mas como um bem essencial à constituição subjetiva e ao desenvolvimento humano, cuja fruição deve ser assegurada a todos.

3. Resultados e Discussão:

A obra *As linhas no rosto de Nana* foi publicada, originalmente, em língua inglesa pela Editora Nobrow, em 2016, e a edição brasileira - objeto do presente estudo - foi lançada em 2020 pela Editora FTD. A autoria se deve à Simona Ciraolo, italiana e residente em Londres, que se graduou em Cinema de Animação e em Ilustração de Livros para Crianças pela Cambridge School of Art, e a tradução foi feita pela escritora Alice Ruiz (Fregapani, 2022).

A obra é escrita em prosa e possui duas personagens principais - a neta narradora e sua avó Nana. O fato de Ciraolo atribuir nome apenas a Nana parece reforçar seu protagonismo, na medida em que a obra está centrada nas histórias, experiências e lembranças da avó. Nessa perspectiva, vale ressaltar o trecho de Machado (2013):

o Nome é sempre significativo. E sempre uma forma de classificação. Além disso, não é próprio por ser uma propriedade de seu portador, mas porque lhe é apropriado. Duplamente apropriado: marca de uma apropriação pelo outro, e escolhido segundo uma certa adequação àquele que é nomeado, para exprimir aquilo que lhe é próprio como indivíduo, aquilo que não é comum a toda a espécie (Machado, 2013, p.29).

Ao Ciraolo optar por não nomear a neta, há uma evitação dessa classificação apontada por Machado (2013), e nesse sentido ela se torna uma personagem aberta à identificação de qualquer leitor, o que amplia o alcance afetivo e simbólico da obra. A autora parece subverter o que Machado (2013) chama de função do nome de distinguir o individual, para justamente valorizar o universal - a vivência *de neta* e não de *uma neta específica*.

Deve-se destacar que as ilustrações ocupam considerável espaço em relação ao texto. Sabendo que a arte envolve uma composição entre forma e conteúdo, podemos afirmar que a maneira como o enredo é elaborado, assim como as ilustrações, são a forma e, o enredo, o

conteúdo. A escolha de uma linguagem visual predominante dialoga com a proposta de Vigotski (1999), segundo a qual a composição forma e conteúdo é crucial para provocar efeitos emocionais e promover a catarse no leitor. As ilustrações feitas por Ciraolo retratam com delicadeza as expressões da avó e da neta, além dos ambientes compartilhados por ambas, os quais criam uma atmosfera de intimidade e afeto, facilitando a identificação do leitor com as personagens e suas vivências.



Figura 1: Momento em que a família comemora o aniversário de Nana. Fonte: Simona Ciraolo, 2020, p. 36.

A imagem supracitada - Figura 1 - aparece ao final da obra e representa o pano de fundo de toda a narrativa, o aniversário de Nana, o que a coloca como elemento central da obra. É justamente nessa ocasião que a neta passa a observar a avó com mais afinco e atenção, configurando um momento de encontro geracional, memória e reflexão sobre a passagem do tempo e os vínculos afetivos, e não apenas um momento de celebração. Pode-se considerar o aniversário como um marco simbólico da experiência, pelo fato de evocar a ideia de ciclos de vida, de comemorar além da idade, a história que cada linha do rosto de Nana carrega. Esse contexto atua como desencadeador para discussões sobre memória, tempo e valorização de vivências, o que revela o sentido profundo do envelhecer em família e da transmissão de

histórias entre avós e netos. Nesse sentido, conforme Bosi (2016), a memória é um processo que envolve a reconstrução de experiências passadas no presente, mediada pelas relações sociais, possibilitando a continuidade da identidade e a construção dos vínculos entre gerações. Assim, o aniversário de Nana torna-se um espaço onde passado e presente se entrelaçam, fortalecendo a socialização e o compartilhamento de memórias que dão sentido à existência e às relações familiares.

Inicialmente, a neta menciona que estão dando uma festa para a avó e afirma que ela está feliz por isso, mas a neta fica intrigada ao olhar atentamente para a avó, e identificar as diferentes expressões causadas pelas linhas em seu rosto. Após dialogar com Nana e entender sobre suas percepções acerca de suas rugas, a obra se encerra com a imagem de toda a família na mesa confraternizando, e Nana esboça alegria, o que confirma a suposição inicial da neta - de que a avó estava feliz porque gosta quando toda a família está reunida.

A ilustração cumpre seu objetivo de dialogar com o texto e ampliar seu universo significativo, não sendo mera decoração (Moraes et al. 2012). O diálogo entre Nana e sua neta é potencializado pelo recurso visual: cada ruga se transforma em “linha de memória”, evocando histórias de alegria, despedidas, desafios e conquistas. A ilustração funciona, desse modo, como memória gráfica do que foi vivido, ao mesmo tempo que propicia ao leitor (e às várias netas) a possibilidade de enxergar além do aparente, valorizando a riqueza da trajetória humana registrada no corpo.

Ainda que seja classificado como livro infantil - tendo como público-alvo crianças de oito ou nove anos - acredita-se que ele não desperta o interesse somente desse grupo, considerando-se a riqueza de detalhes que favorecem a interlocução entre aspectos psicológicos e artísticos, a partir de interpretações possibilitadas pela escrita e ilustração. A memória e o valor articulados às vivências acumuladas ao longo da vida são abordados na medida em que

cada linha do rosto da avó é associada a uma lembrança, conferindo à velhice um sentido positivo e ressignificando marcas que socialmente são vistas de forma negativa.

“Então eu pergunto a ela o motivo [de parecer triste, surpresa e preocupada ao mesmo tempo], e Nana me diz que pode parecer assim por causa de todas as linhas em seu rosto.

- Você se incomoda com elas [as linhas do rosto], Nana? - eu pergunto.

- Nem um pouco - ela diz. - Na verdade, eu gosto muito delas.

Veja bem, é nestas linhas que eu guardo todas as minhas memórias!”

(Ciraolo, 2020, pp. 8-9)

O trecho citado evidencia de modo sensível o papel da escuta ativa na relação intergeracional, destacando como a criança não apenas observa as marcas do tempo no rosto da avó, mas se interessa genuinamente pelo significado dessas linhas. Ao perguntar se Nana se incomoda com as rugas, a neta demonstra empatia e abertura para compreender o outro, indo além da aparência superficial. A resposta da avó, que valoriza suas linhas como depositárias de memórias, transforma o diálogo em um momento de transmissão de experiências e saberes, no qual o envelhecimento é ressignificado.

Essa dimensão do diálogo intergeracional pode ser articulada à reflexão proposta por Bosi (2016), segundo a qual o ato de recordar constitui-se como um componente essencial da reafirmação identitária do idoso. A memória, nesse contexto, exerce a função de estruturar simbolicamente a trajetória de vida, reconfigurando a percepção do tempo e atribuindo sentido à existência. Ao partilhar suas experiências com as gerações mais jovens, os idosos mantêm as narrativas familiares e culturais vivas, ao mesmo tempo em que se posicionam como sujeitos ativos na continuidade desse processo de transmissão. Desse modo, a escuta sensível da neta e a valorização das memórias de Nana expressam essa dinâmica de reconhecimento mútuo e

ressignificação, evidenciando que a lembrança, mediada pela escuta atenta, contribui para o fortalecimento dos vínculos afetivos e para uma compreensão ampliada do envelhecimento.

O processo de escuta e troca revela-se fundamental para a mediação cultural e a formação subjetiva da criança, pois permite que ela acesse o universo simbólico da pessoa idosa, internalizando valores como respeito, reconhecimento e apreciação da memória. Para Vygotsky (2007), a internalização dos sistemas de signos produzidos culturalmente - como a linguagem - “provoca transformações comportamentais e estabelece um elo de ligação entre as formas iniciais e tardias do desenvolvimento individual” (p.11) - que corrobora a relevância das trocas entre a avó e sua neta. O diálogo, assim, contribui para a construção de sentidos positivos sobre o envelhecer, mostrando que a escuta das histórias de vida é um caminho essencial para a valorização da experiência e da identidade do outro.

Considerando-se, então, a concepção de que a arte tem o potencial de recriar a realidade material e transformar o próprio sujeito, como afirmado por Vigotski (Barroco e Superti, 2014), pode-se dizer que a obra atua como mediadora cultural, promovendo a compreensão de que o envelhecimento é parte integrativa e valiosa da experiência humana.

Ressalta-se que, embora a obra analisa não aborde diretamente aspectos materiais, estes são fundamentais para a compreensão do envelhecimento ativo e saudável. A Organização Mundial da Saúde (2024) destaca a importância de ambientes físicos e sociais adequados, como moradia, acesso à recursos econômicos, alimentação, saúde e suporte social, que possibilitam a participação social, a autonomia e o desenvolvimento das relações intergeracionais. Assim, ainda que não apareçam no enredo de forma direta, tais aspectos devem ser considerados como parte indissociável da presente análise, pois sem eles a efetivação de um envelhecimento saudável se torna limitada.

Diante dessas concepções, destaca-se o movimento de aproximação intergeracional logo nas primeiras páginas quando a neta observa sua avó - que está distante - e se põe desconfiada diante dos diversos sentimentos que a atravessam naquele momento, no contexto de seu aniversário:

“Eu sei que ela está feliz porque Nana gosta quando estamos todos juntos.

Mas às vezes, quando eu olho atentamente para ela, Nana parece estar um pouco triste, e um pouco surpresa, e um pouco preocupada, tudo ao mesmo tempo”

(Ciraolo, 2020, p.6-7).

A Psicologia histórico-cultural destaca a contradição como elemento central no processo de desenvolvimento humano, entendendo que o movimento dialético impulsionado pelos conflitos internos e tensões vivenciadas pelo sujeito promove transformações aprofundadas da consciência sobre si mesmo e o mundo. Para Vigotski, o desenvolvimento não é linear nem homogêneo, ele acontece por meio do automovimento, que está associado à desproporcionalidade entre domínios desigualmente desenvolvidos dentro do sistema psíquico (Schneuwly & Martin, 2022). Essa desproporcionalidade, conceito que dialoga com a teoria marxista, manifesta-se nas contradições internas que funcionam como motor do desenvolvimento. Portanto, o sentimento de experimentar “pouco” e “tudo” ao mesmo tempo não deve ser interpretado como incoerência emocional, mas sim como expressão legítima da complexidade da vida psíquica, atravessada por múltiplas determinações históricas e sociais. Os afetos, em sua pluralidade e até oposição, refletem essas contradições vividas, evidenciando que é na experiência e na superação dessas tensões que o sujeito se humaniza e constrói sua subjetividade de modo singular e em permanente transformação.

No que se refere à forma, o trecho mencionado é construído com frases curtas que se unem pela repetição de “um pouco”, recurso que cria um ritmo pausado, próximo à fala de uma criança, e transmite a ideia de que diferentes sentimentos podem coexistir. Em vez de organizar

as emoções em uma sequência lógica, o texto as acumula, mostrando uma percepção processual, ainda aberta e em movimento. Dessa maneira, a própria estrutura da linguagem evidencia que o pensamento e a expressão infantil não se dão de modo linear, mas por sucessivas aproximações e pela justaposição de afetos aparentemente opostos. Além disso, o uso de “tudo” e “pouco” revela que os afetos de Nana não são unilaterais: há uma coexistência de intensidade e ausência, de plenitude e insuficiência, expressas simultaneamente. Isso demonstra que a própria maneira de dizer carrega, em sua forma, o movimento dialético da experiência subjetiva.

Nessa perspectiva, o trecho supracitado evidencia a complexidade dos afetos humanos, especialmente no envelhecimento, e essa multiplicidade de sentimentos revela como as vivências acumuladas ao longo da vida carregam não apenas alegrias, mas também memórias que podem suscitar certa nostalgia e inquietação. O olhar atento da criança, ainda livre de julgamentos rígidos, capta de forma sensível essa ambivalência, reconhecendo que Nana é habitada por uma mistura de afetos que coexistem, mesmo em momentos de reunião familiar. Entende-se que envelhecer não é apenas acumular linhas no rosto, mas também guardar dentro de si uma rica trama de vivências, compondo um retrato profundo da condição humana.

A percepção da neta antecede, também, os diversos significados que podem ser associados às rugas da avó, ou seja, os sentimentos possíveis e indiscriminados dialogam com as metáforas posteriormente sugeridas por Nana:

“- *O que você guarda aqui, Nana? [neta aponta as rugas no rosto da avó]*
 - *Aqui está aquela manhã, no início da primavera, quando eu resolvi um grande mistério*” (Ciraolo, 2020, p.12-13).

Depreende-se, nesse trecho, uma ressignificação profunda dos sinais do envelhecimento. Na sociedade contemporânea, as rugas são frequentemente vistas como

imperfeições a serem corrigidas, em função de padrões estéticos que privilegiam a juventude e a pele lisa - o corpo velho é colocado na posição de invisível (Lima et al, 2022), e raras são as ocasiões em que o idoso tem a sua estética valorizada, o que é confirmado em algumas mídias sociais. Em contraponto, na obra de Ciraolo, as marcas da idade podem ser consideradas como baús de lembranças e vivências. As linhas no rosto de Nana não são apresentadas como defeito ou algo a ser evitado e/ou escondido, mas como testemunhas de momentos importantes vividos — guardando histórias, descobertas e afetos. A obra contrapõe-se, assim, aos valores hegemônicos que buscam ocultar as marcas do tempo, subvertendo o significado normalmente atribuído à beleza.

Além disso, a obra revela uma construção visual e narrativa profundamente simbólica ao utilizar a recorrência das linhas como elemento articulador de sentidos. As rugas no rosto de Nana, por exemplo, podem se ligar às linhas de costura que aparecem na contracapa e na folha de rosto da obra - bem como aos objetos ilustrados, como máquina de costura, agulha, fita métrica e pedaços de tecidos - o que sugere que a avó tenha sido costureira. Isso se sustenta, inclusive, pela afirmação de Nana sobre a dúvida da neta em relação a algumas linhas de seu rosto. Nana responde: “*Elas são de quando eu fiz o melhor presente da vida para a minha irmã*” (Ciraolo, 2020, p.25). Na sequência, a ilustração demonstra que o presente foi o vestido de casamento, o qual desperta a alegria da irmã que visualiza o produto do trabalho de Nana pelo vidro da porta.

Em contrapartida, nota-se o cansaço emocional e físico de Nana, evidenciado pela sua postura exausta no sofá. Esse contraste dialoga com a multiplicidade de sentimentos percebido no semblante de Nana pela sua neta — ora feliz pela presença dos netos, ora tomada por uma sutil melancolia, surpresa ou preocupação — e revela a complexidade afetiva que a personagem carrega e que é projetada simbolicamente em suas rugas.

A multiplicidade e a ambivalência dos afetos vividos podem ser compreendidas como parte constitutiva da experiência humana, especialmente na velhice, período de potencial riqueza emocional e reflexiva. Isso se alinha à perspectiva de Néri (2004) e Bosi (2016), que afirmam que essa fase é marcada pela construção de novos sentidos para a trajetória de vida, sendo as emoções e os sentimentos considerados essenciais para a elaboração identitária. A representação literária dessa complexidade afetiva, desse modo, rompe com estereótipos redutores e favorece a humanização da pessoa idosa ao evidenciar sua profundidade emocional, capacidade de nostalgia, criatividade e vínculo - aspectos cruciais para uma compreensão integral e digna do envelhecimento.

Linhos, tecidos, almofadinha, carretel e bordados podem ser entendidos como metáforas dos laços familiares e das memórias compartilhadas, remetendo à ideia de que a vida é tecida por histórias, afetos e vivências que se entrelaçam ao longo do tempo. Assim, cada ponto costurado por Nana pode representar não apenas uma etapa do vestido, mas também um fragmento da trajetória familiar, reforçando a importância das pequenas ações cotidianas e do trabalho manual como expressão de amor, cuidado e transmissão de valores entre gerações.

Nesse contexto, a metáfora das linhas ultrapassa o plano literal e convida o leitor a acessar paisagens internas e afetivas, como proposto por Bartolomeu Campos de Queirós (2012): “a metáfora cria arestas, faces, dúvidas. E esta metáfora em função da arte, da beleza, abrirá portas para muitas e infindáveis paisagens que já existiam na alma do leitor” (p.68). Essa abertura simbólica para sentidos múltiplos é possível porque, como afirma Vigotski (2009), a imaginação reorganiza elementos da experiência vivida, ativando a memória afetiva e cultural do sujeito, o que possibilita a criação de novos sentidos. A imagem, então, não apenas ilustra um momento da narrativa, mas atua como um elemento mediador que desperta memórias, sentimentos e interpretações próprias em cada leitor, o que reforça o quanto a literatura ilustrada pode revelar ou despertar sentidos na memória e no imaginário de quem lê.

Pode-se depreender, nessa perspectiva, que a arte é promotora de reações estéticas complexas, tendo em vista o envolvimento de afetos de modo integrado. As rugas, nesse contexto, deixam de ser apenas sinais físicos do envelhecimento e passam a ser interpretadas como registros de vivências, sentimentos e memórias, tornando-se, assim, elementos de beleza singular e subjetiva. Essa leitura é possível porque a experiência artística envolve uma atividade interior ativa e multifacetada, na qual o leitor ou espectador atribui sentidos próprios a partir de sua história, cultura e imaginação (Vigotski, 1999).

4. Considerações finais

Ao destacar o protagonismo da pessoa idosa, a obra promove uma ressignificação do envelhecimento, indicando que, para além das limitações físicas comumente associadas a essa etapa da vida, há oportunidades para a reinvenção de vivências e ocupação de forma ativa dos espaços sociais. Essa perspectiva dialoga com as reflexões de Combinato (2018) ao abordar o potencial humanizador e organizador da arte, tanto no plano interno quanto no social. Dessa forma, o trabalho manual realizado por Nana ultrapassa a simples dimensão utilitária, consolidando-se como forma de expressão subjetiva e afirmação da identidade, em oposição aos estereótipos que vinculam a velhice à improdutividade ou ao isolamento.

Ademais, ao analisar a obra com base no diálogo entre Vigotski e Antonio Cândido, proposta também apresentada por Combinato (2018), fica evidente que a realidade é vista como algo dinâmico, sempre em movimento e transformação. O envelhecimento e as relações entre gerações não aparecem como dimensões fixas, mas como construções que vão mudando e ganhando novos significados e sentidos a partir das vivências artísticas e sensíveis. Nesse contexto, a literatura funciona como um elo que conecta passado, presente e futuro, unindo as

histórias de Nana e sua neta, ampliando a compreensão acerca do envelhecer e evidenciando a força transformadora da arte.

Entende-se que a análise realizada cumpriu o objetivo de investigar, à luz da Psicologia histórico-cultural, as múltiplas dimensões do envelhecimento representadas na obra *As linhas no rosto de Nana*, evidenciando como as interações intergeracionais e os elementos culturais presentes na narrativa contribuem para a construção de uma visão sensível e crítica sobre a velhice. O estudo demonstrou que o envelhecimento pode ser compreendido não apenas como processo biológico, mas como fenômeno social e subjetivo, no qual a memória, os afetos, a atividade e a cultura desempenham papéis essenciais na constituição da identidade.

Considerando o impacto deste trabalho no processo de aprendizagem e na formação profissional da autora desse trabalho de conclusão de curso, destaca-se a possibilidade de ampliação do olhar crítico e sensível dos profissionais da Psicologia sobre a temática do envelhecimento, rompendo com visões reducionistas e biologizantes frequentemente presentes em contextos acadêmicos e práticos.

Ao trabalhar com uma obra literária, o estudo pode estimular o desenvolvimento de habilidades interpretativas e reflexivas da autora, essenciais para a atuação em áreas que lidam com o cuidado, a educação e a inclusão social de idosos. A articulação entre a Psicologia histórico-cultural e a Literatura possibilitou uma compreensão mais integrada e humanizada da pessoa idosa, enfatizando a importância dos processos culturais, afetivos e sociais na constituição da subjetividade ao longo do ciclo vital. Acredita-se que o livro ilustrado *As linhas no rosto de Nana* pode sensibilizar leitores de diferentes idades acerca da complexidade do envelhecimento, ampliando o respeito e a valorização das pessoas idosas.

Por outro lado, o trabalho também apresenta limitações, dentre as quais destaca-se o foco exclusivo em uma única obra literária, o que restringe a possibilidade de generalização

das interpretações para outras produções culturais ou contextos socioculturais distintos. Nesse sentido, futuras pesquisas poderiam ampliar essa análise, explorando outras narrativas literárias e artísticas que abordam o envelhecimento, bem como incluir entrevistas ou vivências de idosos e suas famílias para enriquecer a compreensão dos vínculos intergeracionais.

Referências

- Barroco, S. M. S., & Superti, T. (2014.). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & sociedade*, 26, 22-31. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100004>
- Bosi, E. (2016). Memória e socialização. In E. Bosi, *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 19. ed. São Paulo: Companhia das Letras. cap.2. p. 73-92.
- Brenman, I. (2023). *Vó, para de fotografar!* Moderna.
- Candido, A. (1988). O direito à literatura. In A. Candido, *Vários escritos* (pp. 169-191). São Paulo, Duas Cidades.
- Ciraolo, S. (2020). *As linhas no rosto de Nana* (A. Ruiz, Trad.). São Paulo, FTD.
- Corrêa da Silva, C., & Ribeiro, N. (2010). A colcha de retalhos. Editora do Brasil.
- Combinato, D. S. (2018). O potencial transformador da arte: um diálogo entre Vigotski e Antonio Candido. *Dialogia*, 30(1), 101-110. <https://doi.org/10.5585/dialogia.N30.8328>
- Fratezi, F. R., Lima-Silva, T. B., Santos, G. D., Lima, A. J., Acquati, F., Neves, G. S., Jorge, S. R. R., Chubaci, R. Y. S., Gutierrez, B. A. O., & Salmazo-Silva, H. (2012). Dia dos avós: Atividades socioeducativas e intergeracionais bem-sucedidas. *Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(6), 393–405.
- Fregapani, L. da R. (2022). A gentil tessitura da obra As linhas no rosto de Nana. *Navegações*, 15(1), e43831. <https://doi.org/10.15448/1983-4276.2022.1.43831>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2023, 27 de outubro). *Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos*. Agência de Notícias IBGE. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38186-censo-2022-numero-de-pessoas-com-65-anos-ou-mais-de-idade-cresceu-57-4-em-12-anos>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2025, 27 de junho). *Censo 2022 mostra um país com menos filhos e menos mães*. Agência de Notícias IBGE. <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43837-censo-2022-mostra-um-pais-com-menos-filhos-e-menos-maes>

- Lima, F. P. S., Dutra, L. N. L., Novaes, L. F., Fernandes, I. S., Brech, G. C., Salles, R. J., & (2022). Corpo temporal e sexualidade atemporal: um conflito na velhice. *Research, Society and Development*, 11(9), e31519. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i9.31519>
- Machado, A. M. (2013). *Recado do nome: Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens* (1^a ed.). Companhia das Letras.
- Mãe, V. H. (2019). As mais belas coisas do mundo. Biblioteca Azul.
- Mendes, M. R. S. S. B., de Gusmão, J. L. de ., Faro, A. C. M. 3., & Leite, R. de C. B. de O. (2005). A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta paulista de Enfermagem*, 18 (4), 422-426. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000400011>
- Moraes, O., Hanning, R., & Paraguassu, M. (2012). Ricardo Azevedo. In *Traço e prosa: entrevistas com ilustradores de livros infantojuvenis* (pp. 88–108). Cosac & Naify.
- Munduruku, D. (2014). *Vó coruja*. Companhia das Letrinhas.
- Néri, A. L. (2004). Contribuições da Psicologia ao estudo e à intervenção no campo da velhice. *RBCEH - Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, 1(1), 69–80. <https://doi.org/10.5335/rbceh.v1i1.46>
- Nestrovski, A. (1998). *Histórias de avô e avó*. Companhia das Letrinhas.
- Oliveira, A. R. V., Vianna, L.G., Cárdenas, C.J. de. (2010). Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 13(3), 461-474. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232010000300012>
- Padmini. (2020). *Meus mais velhos*. Leitura e Arte.
- Queirós, B. C. de. (2012). Sobre ler, escrever e outros diálogos (p. 68). Autêntica Editora.
- Reis, C. W., & Facci, M. G. D. (2015). Contribuições da psicologia histórico-cultural para a compreensão da velhice. *Revista Eletrônica Arma da Crítica*, 6, 99-116. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237>.
- Santos, L. A. D. C., Faria, L., & Patiño, R. A. (2018). O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 35(2), e0040. <http://dx.doi.org/10.20947/S0102-3098a0040>
- Schneuwly, B., & Leopoldoff Martin, I. (2022). Vygotskij, o trabalho do professor e a zona de desenvolvimento próximo. *Educação & Realidade*, 47, e116630. <https://doi.org/10.1590/2175-6236116630vs01>
- Organização Mundial da Saúde. (2024). *Envelhecimento e saúde*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/ageing-and-health>
- Toledo, L. C. N. Santos, M. A. F. dos. (2022). A velhice: uma análise deste período do desenvolvimento humano na perspectiva da psicologia histórico-cultural. In *Psicologia: abordagens teóricas e empíricas-volume 2* (Vol. 2, pp. 55-69). Editora Científica Digital. <https://doi.org/10.37885/220207689>

- Vigotski, L. S. (1999). Psicologia da Arte. (P. Bezerra Trad.). São Paulo, Martins Fontes.
- Vygotsky, L. S. (2007). A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores (4^a ed., M. da P. S. Oliveira, Trad., pp. 7-16). São Paulo, Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (2009). *Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores.* (Z. Prestes, Trad.; 3^a ed., pp. 13–26). São Paulo, Ática.